

ANÁLISE DE CONJUNTURA ECLESIAL - Sinodalidade e Vocação Diaconal

Introdução

Desde a sua restauração no Concílio Vaticano II, a vocação do diácono permanente vem sendo configurada em toda a Igreja a partir da realidade de cada Igreja Particular. Percebe-se, um avanço no número de ordenações diaconais em todo o Brasil e o aumento da presença deste ministério em muitas dioceses espalhadas pelo território brasileiro.

De outra parte, há resistências e dificuldades em aceitar e implementar a formação de homens maduros para o exercício deste importante ministério. Estas resistências se devem à dificuldade de verdadeira compreensão de que este ministério é resultado de um chamado feito pelo Senhor, que chama operários para o trabalho da messe; também a uma ideia utilitarista do ministério, como se o diaconado fosse “necessário” apenas onde há escassez de presbíteros; ainda paira em muitas consciências de lideranças da Igreja uma ideia deturpada de que o ministério do diaconado permanente seria uma forma de clericalizar os cristãos leigos.

Portanto, é preciso reconhecer que apesar da restauração do diaconato permanente na Igreja Católica, o diácono e a diaconia que lhe corresponde ainda não foi suficientemente assimilada e o processo como tal continua inacabado.

O Diaconado Permanente numa Igreja Sinodal

Na perspectiva de uma Igreja sinodal, a implementação do Diaconado Permanente precisa ser dialogado como parte da reforma eclesial que se faz necessária e que já está a caminho. Uma reforma que, retomando o espírito conciliar e atenta aos sinais dos tempos, precisa ir muito além do próprio Vaticano II, cuja celebração se deu na década de 1960 do século passado. Em um contexto de constante mudanças, o diaconado permanente precisa ser continuamente revisado para responder aos desafios pastorais de nossos dias.

O diaconado permanente não só é uma vocação específica entre os ministérios ordenados, mas, também, é aquela intersecção privilegiada, cuja pertença realmente “secular”, enlaça “clero” e “laicato” desde os diferentes âmbitos da vida familiar, profissional, social e eclesial. Rejunta os dois lados de uma mesma moeda. Algo extraordinário em termos de contribuir com a conversão pastoral do clero, e com a saída missionária da Igreja, que coloca em movimento todo o Povo de Deus. Lembrando ainda que, originalmente, o seu ponto de partida, é a caridade, o núcleo fundamental da mensagem cristã e do seguimento

de Jesus, o Cristo de Deus. (Cf. artigo: *Diáconos permanentes em ritmo sinodal e em saída missionária*, de Silvio Antônio Bedin e Vitor Hugo Mendes, in. Instituto Humanitas Unisinos — IHU)

O Documento Final do Sínodo sobre a Sinodalidade, afirma que numa Igreja sinodal, os ministros ordenados são chamados a viver o seu serviço numa atitude de proximidade com as pessoas, de acolhimento e de escuta de todos, abrindo-se a um estilo sinodal. Cabendo aos diáconos, servos dos mistérios de Deus e da Igreja (cf. LG 41)... ordenados “não em ordem ao sacerdócio, mas ao ministério” (LG 29), exercerem o ministério no serviço da caridade, no anúncio e na liturgia, mostrando em cada contexto social e eclesial em que estão presentes a relação entre Evangelho anunciado e vida vivida no amor, e promovendo em toda a Igreja uma consciência e um estilo de serviço a todos, especialmente os mais pobres. As funções dos Diáconos são múltiplas, como o demonstram a Tradição, a oração litúrgica e a prática pastoral. Elas devem ser especificadas em resposta às necessidades de cada Igreja local, sobretudo para despertar e sustentar a atenção de todos para com os mais pobres, no quadro de uma Igreja sinodal missionária e misericordiosa...” (*Doc. Final do Sínodo sobre a Sinodalidade*, 73)

O Documento final ainda motiva as Igrejas Particulares a aprofundarem e promoverem o diaconado permanente, com base nas experiências em curso que oferecem sólidas motivações para não se atrasarem na promoção mais generosa do diaconado permanente, reconhecendo neste ministério um fator precioso de amadurecimento de uma Igreja serva no seguimento do Senhor Jesus que se fez servo de todos. (*cf. idem. Ibidem.*, 73)

O Sínodo sobre a sinodalidade ainda apresentou a urgência de uma verdadeira colaboração entre os ministérios ordenados e outros membros do povo de Deus: “corresponsabilidade no exercício do ministério, que exige também a colaboração com os outros membros do Povo de Deus. Uma distribuição mais articulada das tarefas e das responsabilidades, um discernimento mais corajoso daquilo que pertence propriamente ao ministério ordenado e daquilo que pode e deve ser delegado a outros, favorecerá o seu exercício de modo espiritualmente mais sadio e pastoralmente mais dinâmico em cada uma das suas ordens. Esta perspectiva não deixará de ter um impacto nos processos de decisão caracterizados por um estilo mais claramente sinodal”. (*Idem. Ibidem.*, 74)

O diaconado permanente no contexto da Exortação Apostólica *Dilexi te* do Papa Leão XIV

O diácono permanente tem seu lugar único na Igreja, por ser um sacramento de Cristo Servo e manifestação da Igreja servidora. Compreendemos, a partir disso, sua missão, como bem o expressou nosso Papa Francisco: “O diácono é o guarda do serviço na Igreja... o serviço à Palavra, o serviço no Altar, o serviço aos Pobres. E a vossa missão, a missão do diácono, e o seu contributo consistem nisto: em recordar a todos nós que a fé, nas suas diversas expressões — a liturgia comunitária, a oração pessoal, as diversas formas de caridade — e nos seus vários estados de vida — laical, clerical, familiar — possui uma dimensão essencial de serviço. O serviço a Deus e aos irmãos” (*Papa Francisco, 25 de março de 2017*).

Na esteira do Magistério do Papa Francisco, a Exortação Apostólica *Dilexi te* (DT), do Papa Leão XIV é um documento inacabado de seu antecessor, que ele adotou e integrou em grande parte: “Em continuidade com a Encíclica *Dilexit nos*, o Papa Francisco preparava, nos últimos meses da sua vida, uma Exortação Apostólica sobre o cuidado da Igreja pelos pobres e com os pobres, intitulada *Dilexi te*, imaginando que Cristo se dirige a cada um deles dizendo: Tens pouca força, pouco poder, mas “*Eu vos amei*” (Ap 3, 9). Tendo recebido este projeto como herança, sinto-me feliz por torná-lo meu – acrescentando algumas reflexões – e por propô-lo novamente no início do meu pontificado, partilhando o desejo do meu amado Predecessor de que todos os cristãos percebam a forte ligação que existe entre o amor de Cristo e o seu apelo a tornar-nos próximos dos pobres.” (DT 3)

Passo aqui a recordar brevemente o texto da Exortação Apostólica do Papa Leão XIV, valendo-me do artigo “*Dilexi te: não é caridade, mas Revelação*”, de Andrea Grillo, divulgado no site Instituto Humanitas Unisinos, de 10 de outubro de 2025.

A estrutura do texto e as palavras-chave: O texto está dividido em 5 capítulos.

Algumas palavras indispensáveis (4-15); Deus escolhe os pobres (16-34); Uma Igreja para os pobres (35-81); Uma história que continua (82-102) e Um desafio permanente (103-121)

Destaco alguns elementos do conteúdo da Exortação Apostólica:

1. **O papel dos pobres no anúncio do Evangelho:** "Não estamos no horizonte da caridade, mas da Revelação: o contato com aqueles que carecem de poder e grandeza é um modo fundamental de encontrar o Senhor da história. Nos pobres, Ele ainda tem algo a nos dizer. " (DT 5);

"Estou convencido de que a opção prioritária pelos pobres gera uma renovação extraordinária tanto na Igreja como na sociedade, quando somos capazes de nos libertar da autorreferencialidade e somos capazes de ouvir o seu clamor." (DT 7)

Por outro lado, também é preciso reconhecer que o termo “pobreza” pode ser expresso de muitas maneiras: nos rostos feridos dos pobres, encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo. Ao mesmo tempo, talvez devêssemos falar mais corretamente dos múltiplos rostos dos pobres e da pobreza, pois se trata de um fenômeno variado; de fato, existem muitas formas de pobreza: a de quem não tem meios de subsistência material, a de quem é socialmente marginalizado e não tem meios para expressar sua dignidade e capacidades, a de quem se encontra em uma condição de fraqueza ou fragilidade pessoal ou social, a de quem não tem direitos, nem espaço, nem liberdade. (DT 9)

2. **"Teologia da pobreza":** Com o título **“Deus escolhe os pobres”**, o texto mostra a escolha privilegiado de Deus pelos pequenos e excluídos. "É nesta condição que a pobreza de Jesus pode ser claramente resumida. É a mesma exclusão que caracteriza a definição dos pobres: são os excluídos da sociedade. Jesus é a revelação deste *privilegium pauperum*. Ele se apresenta ao mundo não apenas como o Messias pobre, mas também como o Messias dos pobres e para os pobres." (DT 19).

3. Uma Igreja para os pobres: a Exortação Apostólica apresenta uma grande história da pobreza na Igreja. De Paulo a Lourenço, de Ambrósio a Santo Inácio de Antioquia, fica claro que: "A caridade para com os necessitados não era entendida como uma simples virtude moral, mas como expressão concreta da fé no Verbo encarnado." (DT 39)

Isso também impacta a compreensão da Eucaristia. Citando São Joao Crisóstomo, o texto apela à coerência entre a adoração do Corpo de Cristo no altar e o Corpo de Cristo que sofre o frio: "Queres honrar o corpo de Cristo? Não negligencies a sua nudez; não o honres aqui com vestes de seda, não o negligencies lá fora

enquanto está consumido pelo frio e pela nudez [...]. [O corpo de Cristo no altar] não precisa de vestes, mas de uma alma pura; esta, por outro lado, precisa de grande cuidado." (João Crisóstomo em DT 41)

Por isso, **"a caridade não é um caminho opcional, mas o critério do verdadeiro culto"** (DT 42).

“No Brasil, Santa Dulce dos Pobres encarnou o espírito evangélico de amor com feições brasileiras. Referindo-se a ela... o Papa Francisco recordava o amor que professava aos mais marginalizados da sociedade. Irmã Dulce enfrentou a precariedade com criatividade, os obstáculos com ternura, a carência com fé inabalável. Começou acolhendo doentes num galinheiro, e dali fundou uma das maiores obras sociais do país. Atendia milhares de pessoas por dia, sem jamais perder a doçura. Fez-se pobre com os pobres por amor ao sumamente Pobre. Vivia com pouco, rezava com fervor e servia com alegria. A sua fé não a retirava do mundo, mas lançava-a ainda mais profundamente nas dores dos últimos” (DT 78).

Ao longo dos séculos a Igreja “descobriu que os mais pobres não são apenas objetos da nossa compaixão, mas mestres do Evangelho. Não se trata de "levar" Deus até eles, mas de encontrá-Lo neles... A Igreja, portanto, quando se inclina para cuidar dos pobres, assume a sua postura mais elevada" (DT 79)

4. **Uma história que continua:** O quarto capítulo trata dos últimos dois séculos, com a ascensão da "doutrina social" da Igreja. Se os pobres são “sujeitos de uma inteligência específica” e se a realidade “se vê melhor a partir das margens”, então o desenvolvimento de uma doutrina social, a partir de Leão XIII, encontra um passo decisivo no Concílio Vaticano II: "Surgiu, assim, a necessidade de uma nova forma eclesial, mais simples e sóbria, que envolvesse todo o povo de Deus e sua figura histórica. Uma Igreja mais semelhante ao seu Senhor do que aos poderes mundanos, destinada a estimular em toda a humanidade um compromisso concreto com a solução do grande problema da pobreza no mundo." (DT 84)

Na Exortação Apostólica o Papa Leão XIV enfatiza uma imagem ousada com a qual Paulo VI traça uma analogia entre o Pobre Homem e Pedro: "Na Audiência Geral de 11 de novembro de 1964, ele enfatizou que 'os pobres são os representantes de Cristo' e, comparando a imagem do Senhor nos últimos com aquela que se manifesta no Papa, afirmou: 'A representação de Cristo nos pobres

é universal, cada pobre reflete Cristo; a do Papa é pessoal. [...] O Pobre e Pedro podem coincidir, podem ser a mesma pessoa, investidos de uma dupla representação, a da Pobreza e a da Autoridade'. Desse modo, o vínculo intrínseco entre a Igreja e os pobres foi expresso simbolicamente com uma clareza sem precedentes." (DT 85)

Assim, de Paulo VI a Francisco, houve repetidas intervenções do magistério universal e local sobre a opção preferencial pelos pobres. O Papa apresenta algumas questões importantes:

- A pergunta que sempre retorna é a mesma: os menos dotados não são seres humanos? Os fracos não têm a mesma dignidade que nós? Aqueles que nascem com menos oportunidades são menos valiosos como seres humanos e devem se limitar apenas a sobreviver? O valor de nossas sociedades depende da resposta que dermos a essas perguntas, e nosso futuro depende disso. Ou recuperamos nossa dignidade moral e espiritual ou caímos como num poço de imundície. (DT 95)

Essa consciência chama o povo de Deus a denunciar, a expor-se, mesmo que isso custe ser chamado de “estúpido”: "Portanto, é tarefa de todos os membros do Povo de Deus fazer ouvir, ainda que de formas diferentes, uma voz que desperte, que denuncie, que se exponha mesmo correndo o risco de parecer 'estúpida'. As estruturas de injustiça devem ser reconhecidas e destruídas com a força do bem, através da mudança de mentalidades, mas também, com a ajuda da ciência e da tecnologia, através do desenvolvimento de políticas eficazes para a transformação da sociedade." (DT 97)

O documento "insiste na necessidade de considerar as comunidades marginalizadas como sujeitos capazes de criar sua própria cultura, e não como objetos de caridade. Isso implica que essas comunidades têm o direito de viver o Evangelho e celebrar e comunicar a fé de acordo com os valores presentes em suas culturas." (DT 100)

5. Isso nos leva ao quinto e último capítulo, sobre o "**desafio permanente**". Se "**o amor aos pobres** é um elemento essencial da história de Deus conosco" (DT 103), então, para nós, cristãos, eles são uma "questão de família" (DT 104). Eis o aspecto teológico mais autêntico do documento, que afirma: "Para os cristãos, os

pobres não são uma categoria sociológica, mas a **própria carne de Cristo**. De fato, não basta simplesmente enunciar em termos gerais a doutrina da encarnação de Deus; para entrar verdadeiramente neste mistério, é necessário, ao contrário, especificar que o Senhor se faz carne faminta, sedenta, doente, prisioneira." (DT 110)

A atenção espiritual aos pobres é desafiada por certos preconceitos, mesmo entre cristãos, porque nos sentimos mais confortáveis sem os pobres. Alguns continuam a dizer: "Nossa tarefa é rezar e ensinar a verdadeira doutrina". Mas, separando esse aspecto religioso da promoção integral, acrescentam que somente o governo deve cuidar deles, ou que seria melhor deixá-los na pobreza, ensinando-os a trabalhar. Às vezes, porém, utilizam critérios pseudocientíficos para argumentar que a liberdade do mercado levará espontaneamente a uma solução para o problema da pobreza. Ou, ainda, optam por uma pastoral da chamada elite, argumentando que, em vez de perder tempo com os pobres, é melhor cuidar dos ricos, dos poderosos e dos profissionais, para que, por meio deles, soluções mais eficazes possam ser alcançadas. É fácil perceber a mundanidade que se esconde por trás dessas opiniões: elas nos levam a encarar a realidade com critérios superficiais, desprovidos de qualquer luz sobrenatural, privilegiando associações que nos tranquilizam e buscando privilégios que nos acomodem." (DT 114)

O amor e as convicções mais profundas devem ser nutridos, e isso se faz com gestos. Permanecer no mundo das ideias e das discussões, sem gestos frequentes, sinceros e pessoais, arruinará nossos sonhos mais preciosos. Por esta simples razão, como cristãos, não renunciamos à esmola. É um gesto que pode ser feito de várias maneiras, e que podemos tentar fazer da maneira mais eficaz, mas devemos fazê-lo. E sempre será melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada. Em todo caso, tocará nossos corações. (DT 119)

Conclusão

Recordando as palavras do Cardeal Cláudio Hummes na eleição do papa Francisco: "Não te esqueças dos pobres!", percebemos que se trata da mesma recomendação feita pelas autoridades da Igreja a São Paulo quando ele subiu a Jerusalém para verificar a sua missão (cf. *Gl* 2, 1-10). O Apóstolo pôde afirmar anos mais tarde: foi "*o que procurei fazer com o maior empenho*" (*Gl* 2, 10). Trata-se também da escolha de São Francisco de Assis: no

leproso, foi o próprio Cristo que o abraçou, transformando a sua vida. A figura luminosa do *Poverello* jamais deixará de nos inspirar. (cf. DT 6)

Que o exercício do diaconado permanente em nosso tempo seja marcado pela caridade, na atenção e no cuidado dos mais pobres. Na escolha privilegiada de amor aos pobres, o ministério diaconal continuará sendo uma luz para a Igreja em nosso tempo, pois como nos ensina São Lourenço: os pobres são os verdadeiros tesouros da Igreja. (cf. DT 38)

Dom Valter Magno de Carvalho
Brasília, 12 de outubro de 2025